

Associativismo e tematização do campo: duas marcas da Revista Ciência & Saúde Coletiva

Associativism and field thematization:
two hallmarks of the Journal Ciência & Saúde Coletiva

Asociacionismo y tematización del campo:
dos rasgos distintivos de la Revista Ciência & Saúde Coletiva

Maria Cecília de Souza Minayo <https://orcid.org/0000-0001-6187-9301>¹; Romeu Gomes <https://orcid.org/0000-0003-3100-8091>²; Vania de Matos Fonseca <https://orcid.org/0000-0002-5452-7081>²; Antônio Augusto Moura da Silva <https://orcid.org/0000-0003-4968-5138>³; Luiza Pimenta Gualhano <https://orcid.org/0000-0002-4890-7985>⁴

Resumo Em 2025, a Revista Ciência & Saúde Coletiva completa 30 anos e, ao longo desse tempo, o periódico evoluiu, tornando-se um importante espaço para a disseminação do conhecimento científico. O objetivo deste artigo é celebrar o 30º aniversário da Revista, apresentando as suas duas principais características: pertencer a uma Associação (Abrasco) e ser temática. Optou-se por fazer a pesquisa em um recorte de tempo, sendo analisados os títulos das edições temáticas dos últimos cinco anos. Das 65 edições publicadas entre 2020 e 2024, emergiram 13 categorias temáticas que vão ao encontro das questões atuais. Em três décadas de existência, Ciência & Saúde Coletiva celebra suas conquistas com todos que contribuíram para o sucesso desta jornada, olhando para um futuro desafiador.

Palavras-chave Ciência & Saúde Coletiva, Abrasco, Temática, Periódico científico

Abstract In 2025, Ciência & Saúde Coletiva celebrates its 30th anniversary. Over the years, the journal has evolved into an important platform for disseminating scientific knowledge. This article aims to commemorate the Journal's 30th anniversary by highlighting its two main features: its affiliation with an association (ABRASCO) and its thematic approach. The research focused on a specific time frame, analyzing the titles of thematic issues from the past five years. Thirteen thematic categories emerged among the 65 issues published between 2020 and 2024, reflecting current issues. With over three decades of existence, Ciência & Saúde Coletiva now celebrates its achievements with all those who contributed to the success of this journey while looking ahead to a highly challenging future.

Key words Ciência & Saúde Coletiva, Abrasco, Thematic, Scientific journal

Resumen En 2025, Ciência & Saúde Coletiva cumple 30 años y, a lo largo de este tiempo, la revista ha evolucionado, convirtiéndose en un importante espacio para la difusión del conocimiento científico. El objetivo de este artículo es celebrar el 30º aniversario de la Revista, presentando sus dos principales características: pertenecer a una Asociación (Abrasco) y tener un enfoque temático. Se optó por realizar la investigación a partir de un recorte temporal, analizando los títulos de las ediciones temáticas de los últimos cinco años. De las 65 ediciones publicadas entre 2020 y 2024, surgieron 13 categorías temáticas que dialogan con cuestiones actuales. En sus tres décadas de existencia, Ciência & Saúde Coletiva celebra sus logros junto a todos los que contribuyeron al éxito de esta trayectoria, mirando hacia un futuro lleno de desafíos.

Palabras clave Ciência & Saúde Coletiva, Abrasco, Temática, Revista científica

¹ Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. R. Leopoldo Bulhões 1480, Manguinhos. 21041-210 Rio de Janeiro RJ Brasil. romeugo@gmail.com

² Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro RJ Brasil.

³ Departamento de Saúde Pública, Universidade Federal do Maranhão. São Luís MA Brasil.

⁴ Revista Ciência & Saúde Coletiva, Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro RJ Brasil.

Introdução

Este ensaio tem a finalidade de celebrar os 30 anos da Revista Ciência & Saúde Coletiva (C&SC), apresentando as duas principais características que a distinguem de outros periódicos coirmãos: ser propriedade de uma associação, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), e ser temática. O teor deste artigo tem como base a descrição do significado desses atributos e, a partir deles, uma discussão sobre a contribuição dos êxitos e das dificuldades da Revista, em particular, a problematização do acesso ao que ela divulga, os colaboradores nacionais e internacionais, os difíceis caminhos da internacionalização e seu papel na consolidação do campo da saúde coletiva. Trabalha-se com informações produzidas pelo próprio periódico e com dados extraídos do SciELO Analytics^{1,2}. A análise é feita com apoio da literatura sobre ciência e tecnologia.

Criada pela Abrasco em 1996, num momento de investimento na cientificidade da área, Ciência & Saúde Coletiva traz a marca do associativismo em torno do desenvolvimento do Sistema Único de Saúde (SUS) por meio do engajamento acadêmico e do apoio estratégico ao setor saúde na vida democrática^{3,4}. Lembra Paim, na resenha da obra organizada por Nísia Trindade e José Santana⁵ sobre os 25 anos da Associação:

*O que dizer de uma geração de brasileiros que resistiu à ditadura, lutou pela democracia, organizou o movimento sanitário, inventou o Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES), engendrou a Saúde Coletiva, produziu publicações, fundou a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), desencadeou a Reforma Sanitária, concebeu e implementou o SUS, constituiu novos sujeitos, implantou programas de pós-graduação e pesquisa, criou instituições e ampliou a produção científica e tecnológica em saúde no país?*⁵

Esse texto fala em tom retórico da lógica associativa da Abrasco que, desde 1979, tem reunido a ativa participação de uma multiplicidade de atores em torno das transformações da saúde pública, renomeada como “saúde coletiva”, cujo conceito é mais amplo. Significa uma atuação conjunta de governo, sociedade civil e cidadãos em torno do mesmo projeto político institucional de promover equidade e universalização de direitos à saúde de forma integral⁶⁻⁹.

As associações têm como missão promover a mobilização em larga escala, ressignificando a sensibilização individual sobre uma questão social específica e importante em causa coleti-

va¹⁰. Como lembra Vieira-da-Silva¹¹, Abrasco acompanha as interfaces entre produção do conhecimento científico e tecnológico em saúde, ativismo e construção de políticas públicas desde a segunda metade do século XX no Brasil. Mas também faz projeções sobre o presente e o futuro¹². A missão da Associação se faz presente na C&SC, que pode ser entendida como um espaço científico de discussões e elaboração de consensos em torno das questões de saúde e qualidade de vida da população brasileira segundo os princípios de integralidade, equidade e universalidade. Esses princípios são a base do sistema de saúde brasileiro e visam garantir que todos os cidadãos tenham acesso aos serviços e ao atendimento completo e adequado, levando em conta as necessidades pessoais e coletivas.

Por sua vez, a formalização dos princípios do SUS leva em conta o aporte das principais teses da chamada Carta de Otawa¹³ que ressalta a responsabilidade compartilhada entre indivíduos, comunidade, governo e setor saúde ancorando-se no conceito de “promoção”. Esse documento, resultante da Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada no Canadá, tornou-se um marco para a saúde pública mundial, pois define e dá ênfase à capacitação das comunidades e dos indivíduos para aumentar o controle sobre os problemas evitáveis de adoecimento e para melhorar a qualidade de vida. A carta propõe cinco eixos de ação: construção de políticas públicas saudáveis, criação de ambientes favoráveis à saúde, fortalecimento da ação comunitária, desenvolvimento de habilidades pessoais e reorientação e mudança de foco dos serviços do setor do adoecimento para a prevenção e a promoção da saúde. Comprometida com os princípios e as teses citadas, a Revista consegue dar voz a milhares de profissionais e pesquisadores que buscam publicizar suas ideias e promover engajamento em torno de determinadas questões, fundamentais para o desenvolvimento do setor no Brasil e em outros países do mundo.

É importante assinalar, porém, que, embora pertença a uma associação, o periódico não é um veículo das ideias institucionais, nem privilegia os associados em suas publicações, tendo sempre evitado ser corporativa e paroquial. Nela imperam mérito científico e relevância para o setor tanto nos estudos epidemiológicos, como nos de cunho compreensivo, histórico e avaliativo. Foi sob essas características que, nesses 30 anos de existência, passo a passo, a Revista foi conseguindo encontrar seu lugar relevante no universo dos veículos de comunicação de

ciência e tecnologia, principalmente nacionais, mas também internacionais.

Parte de seu papel na Associação, Ciência & Saúde Coletiva, desde seu nascimento, traz uma marca: ela é temática. O *tema* como lembra Bardin¹⁴ configura uma unidade de significação das questões em análise, ou seja, refere-se a um conjunto de elementos que juntos expressam uma ideia central¹⁵. Assim é que, na organização de cada edição, em sua primeira parte, a Revista divulga um conjunto de artigos que aprofundam análises epidemiológicas, estudos empíricos, compreensivos e avaliativos sobre todos os níveis do sistema, geralmente, relacionados a algum tópico relevante para o desenvolvimento do SUS, a quem o gerencia, aos profissionais que atuam no sistema e à população a quem serve. Na diversidade de propostas e abordagens, o foco está sempre no conhecimento da realidade, na crítica dos pontos vulneráveis e nas estratégias de aprimoramento do sistema. Na segunda parte, são publicados o que se convencionou chamar “temas livres”, ou seja, assuntos não vinculados ao foco central, mas de elevado interesse e mérito científico para o campo da saúde coletiva.

Assim, há uma concomitância nos dois atributos: a identidade temática da Revista expressa seu caráter associativo, reflexo de seu DNA, mobilizando grupos interdisciplinares e interinstitucionais de especialistas da área a se debruçarem sobre problemas que precisam ser tratados, seja porque estão invisibilizados ou porque são urgentes para a sociedade. Por trás das ideias, portanto, há atores-autores que se mobilizam em torno de um foco de estudo, seja em busca de consenso, seja para expressar críticas e levantar novas indagações, seja participar com a produção do conhecimento nas transformações desse SUS vivo, pulsante, mas sempre incompleto, inconcluso e em constante construção.

Uma pergunta importante nesse contexto é: quem e como se organizam as edições temáticas. Os principais organizadores são grupos de pesquisadores de todo o país, associados ou não à Abrasco, mas que trabalham no setor. Esse grupo submete sua proposta a um Conselho de Política Editorial composta por pesquisadores de alto nível intelectual e experiência que delibera sobre o sentido, o mérito e a oportunidade de divulgar determinado tópico, o que é sempre feito por meio de um termo de referência. Uma maneira de apresentar a proposta é submetê-la já formatada, justificando e demonstrando sua coerência interna. Outra é viabilizar a discussão, também por um termo de referência, mas por

meio de chamada pública, formato que costuma ter muito sucesso, pela forma aberta e democrática com que é feito. Em geral, recebem-se aportes de pesquisadores dos mais diferentes cantos do Brasil e de outros países. As chamadas públicas costumam ser elaboradas por grupos interinstitucionais. Mas também são acionadas pelos editores-chefes, quando esses sentem necessidade e urgência de debater alguma questão de saúde de grande interesse para a sociedade brasileira. Uma terceira forma é a estruturação em torno de um tópico, realizada pelos próprios editores, a partir do estoque de artigos aprovados e que constituem um acervo importante denominado “temas livres”.

Saúde Coletiva em temas nos últimos cinco anos

Conseguir captar os sentidos do conjunto de produção científica dos últimos 30 anos (1996 a junho de 2025) seria um trabalho hercúleo. Tendo consciência desses limites, optou-se por analisar os títulos que integram as edições temáticas dos últimos cinco anos (material disponível no Dataverse da Ciência & Saúde Coletiva) entendendo que eles podem, pelo menos, apontar o foco das reflexões. Nesse sentido, o recorte temporal e identitário ilustra a complexidade dessa empreitada.

Por meio da categorização das 65 edições publicadas nesse período (2020-2024), encontram-se 13 categorias temáticas (Quadro 1). Cada uma é integrada por subtemas. Tanto as categorias como os subtemas não são excludentes, de forma que as ideias ou sentidos a eles atribuídos podem estar simultaneamente em mais de um tópico.

Ao olhar para o Quadro 1, observa-se o quão diversa é a produção científica que se encontra nos números publicados no período. Esse conjunto permite algumas observações. Em primeiro lugar, constata-se que o acervo não se limita a discussões de âmbito nacional. Em geral, as edições aprofundam conhecimentos de forma comparativa entre o que ocorre no Brasil e em outros países, destacando especificidades, pontos comuns e divergentes. Essa visão ampliada permite aos leitores compreenderem variados sistemas de saúde e políticas sobre problemas específicos de saúde internamente, na América Latina e em curso nas mais diversas regiões. Um segundo ponto é a presença da diversidade de disciplinas que compõem o campo das ciências da saúde presente na discussão da saúde coleti-

Quadro 1. Distribuições das edições da Revista por temas, no período 2020-2024.

Grandes temas	Subtemas	Total de edições
SUS	Atenção primária e saúde da família	5
	Desafios, potencialidades e perspectivas das políticas de saúde	2
	Análise sobre qualidade dos serviços de saúde	1
Teorias, métodos e informações	Pesquisas de base populacional	2
	Pesquisas qualitativas e pesquisas de inteligência	3
	Informação e novas tecnologias em saúde	2
	Legado de Paulo Freire para educação em saúde	1
Diversidade, discriminação e vulnerabilidade	Invisibilidade e vulnerabilidade de grupos populacionais	2
	Racismo e saúde da população negra	2
	Diversidade e saúde	1
	Saúde da população indígena	1
	Homoparentalidade e saúde	1
	Preconceito e exclusão social e em saúde	1
Do nascimento ao envelhecimento	Estudos sobre envelhecimento	3
	A saúde dos jovens na sociedade atual	2
	Condições do parto e do nascimento	1
	Doenças que acometem as crianças e cuidados	1
COVID-19	Impacto e consequências da COVID-19	3
	A Pandemia o negacionismo e o desempenho do SUS	1
	Saúde mental dos trabalhadores de saúde na pandemia	1
	O papel da atenção primária	1
	As estratégias de vigilância	1
Saúde internacional	Situação de saúde nas Américas e na Iberoamérica	3
	O SUS e a Saúde Global	1
	O complexo empresarial de medicamentos e a saúde	1
Cuidadores	Os trabalhadores da Enfermagem, fisioterapia e educação física	2
	Saúde do trabalhador	1
	Cuidadores e cuidado	1
	Percepção dos profissionais sobre gênero e diversidade	1
Políticas de saúde	Política e implementação de práticas	2
	Desinstitucionalização da saúde mental	1
	A saúde no sistema penitenciário	1
Corpo, alimentação e beleza	Alimentação	3
	Corpo e beleza	1
Violência e saúde	Violência na população brasileira	1
	Prevenção da violência como política de saúde	1
	Violência de gênero	1
História e saúde brasileira	Os principais desafios do setor saúde no século XIX	1
	O papel dos profissionais de saúde na ditadura militar	1
Enfermidades infecciosas	Cenário brasileiro atual das doenças infecciosas	1
	Cenário brasileiro atual dos agravos não transmissíveis	1
Temas independentes	Produção de conhecimento em Ciência & Saúde Coletiva	1
	Espacialidade, saúde e doença	1
Total		65

Fonte: Autores.

va e a articulação com outras disciplinas como a história, a geografia, a sociologia, a antropologia, as ciências ambientais, a estatística, a informação e comunicação e a clínica médica. Uma

terceira nota importante, é a multiplicidade de métodos e técnicas descrita nos diferentes artigos, por vezes de forma combinada, permitindo inovações e abordagens estratégicas. Um quarto

aspecto de ordem epistemológica é a integração interdisciplinar e representativa das ciências da saúde na forma como saúde coletiva e a clínica passaram a caminhar *pari passu*, numa interfertilização mútua, e frequentemente, dissolvendo falsas dicotomias entre sujeito e objeto, indivíduo e sociedade. Por fim, é importante assinalar o trabalho coletivo na construção dos números temáticos em que o papel dos chamados “Editores Convidados” é fundamental para dar realce a temas relevantes e pesquisas importantes, para comunicação com os autores, para participar na avaliação do material recebido e no compartilhamento de decisões com os editores-chefes.

Os temas que nomeiam as edições da Revista podem ser entendidos como agendas. Isso se sustenta se for tomado como base um dos sentidos atribuídos por Kingdon¹⁶ a essa expressão, que é a de um conjunto de propostas que se relacionam de forma coerente e que se tornam foco de atenção. As propostas tematizadas são questões consideradas primordiais por grupos de pesquisa do campo da saúde e frequentemente demandadas por gestores e profissionais que atuam na prática. Mas é importante ressaltar que Ciência & Saúde Coletiva não é um periódico “chapa-branca”. Todos os textos por ela divulgados passam por um acurado trabalho de avaliação dos Editores Associados que são especialistas nas áreas que compõem o campo, e por aprovação dos Editores-chefes. No entanto, como a Revista divulga conhecimentos básicos, teóricos práticos, técnicos e avaliações, entende-se com Joachim¹⁷, que os pesquisadores – como atores externos a governos – embora não tenham poder de mando e gestão, podem influenciar o debate das agendas executivas e contribuir para o surgimento de novas propostas, pois o conhecimento científico, geralmente, é reflexivo e crítico.

Levando em conta o que foi publicado nos últimos cinco anos, vale a pena um rápido olhar sobre as relevâncias que esse conjunto apresenta: (1) Compromisso com a defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), sem deixar de mostrar seus dilemas, desafios, lacunas e potencialidades; (2) Aportes teóricos, metodológicos, técnicos e tecnológicos para a sustentação da produção científica do campo da saúde coletiva; (3) Apresentação de novas tecnologias para análise dos problemas e para avanço da comunicação e da universalização do sistema; (4) Foco na atenção e na promoção da saúde, levando em conta diversidades, vulnerabilidades e discriminação de minorias; (5) Discussão de fatores e condições que comprometem a saúde individu-

al e coletiva; (6) Atenção à promoção da saúde e vigilância sobre os agravos por faixa etária – crianças, adolescentes, mulheres, mães, trabalhadores e idosos –, por raça, pela diversidade de gênero; (7) Problematização e avaliação das formas organizativas, das condições e princípios de gestão e das lacunas provocadas pelo insuficiente financiamento e pelas desigualdades nacionais, regionais e locais; (8) Análises de pandemias, epidemias, doenças e agravos nacionais e internacionais; (9) Condições de trabalho de todo o corpo profissional da saúde: médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, educadores físicos, corpo técnico de enfermagem e de laboratório e equipe administrativa, o que vai das chefias até os recepcionistas, pessoal de limpeza, maqueiros e até coveiros; (10) Aspectos históricos e éticos que constituem a herança genética do SUS, análises dos territórios onde se constrói a saúde coletiva, e carreiras profissionais.

Embora o artigo não trate dos 25 volumes que antecederam os cinco estudados, numa visão panorâmica pode-se dizer que Ciência & Saúde Coletiva, sempre esteve atenta à implementação das políticas de equidade e universalização do SUS; produziu edições temáticas para todas as Conferências Nacionais de Saúde que ocorreram a partir de 1988; divulgou análises sobre todas as Pesquisas Nacionais de Saúde, realizadas em colaboração entre o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério da Saúde e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), além de enfrentar temas espinhosos como o papel da saúde coletiva frente ao aborto, às drogas lícitas e ilícitas, à violência armada e ao desempenho do setor saúde nos governos militares.

Acesso à Ciência & Saúde Coletiva no Brasil e no mundo

Ciência e Saúde Coletiva é um periódico de acesso aberto desde sua origem. Segundo dados estatísticos do SciELO, durante sua existência, ela produziu 8.237 documentos e 247.851 referências. Com frequência diversa, o que nela é divulgado tem sido objeto de consulta pela comunidade acadêmica nacional e internacional. Por pertencer a uma Associação Brasileira, é óbvio que os leitores e pesquisadores que mais a utilizam são os brasileiros, seguidos pela ordem, pelos Estados Unidos, China, Portugal, Alemanha, México, Canadá, Índia, Argentina, Peru e Colômbia que ocupam os 10 primeiros lugares em acesso, como se pode observar no Quadro 2.

Importante assinalar que, segundo o SciELO Analytics¹, todos os países da América do Sul acumulam elevado número de acesso. Além dos já citados, destacam-se Chile, Equador e Paraguai. Na América Central os leitores são principalmente de Cuba e Costa Rica. Na Europa, além dos primeiros citados, acima, estão o Reino Unido com 146.720 acessos, Rússia com 128.692; França com 111.640; Espanha com 111.420 e Itália com 76.294. Na verdade, embora em menor quantidade, os acessos estão distribuídos por quase todos os países do mundo. Na África se destacam Moçambique com 130.868 acessos, Angola com 124.933, África do Sul com 26.604 e Nigéria com 18.631, vindo a seguir Quênia e Costa do Marfim. No Oriente Médio, sobressaem o Irã com 19.108 acessos, Egito com 9.748 e Iraque com 8.803. É importante citar ainda a relevância dos leitores da Austrália com 81.669 acessos e da Indonésia com 75.896.

A Revista conseguiu também ampliar a quantidade de autores estrangeiros publicando, em geral, conjuntamente com os brasileiros. Como no caso dos acessos, o maior número de autores é de brasileiros. A presença de autores estrangeiros aumenta devagarzinho desde então. É o que se constata no Quadro 3.

Em menor quantidade, a Revista contabiliza artigos de autores de outros países da Europa, da América do Sul e da América Central, da África, da Ásia (Índia, China, Tailândia) e da Oceania (Austrália). Trazer a contribuição de mais pesquisadores de outros lugares para enriquecer a cultura e as abordagens da saúde tem sido um desafio enorme para a Ciência & Saúde Coletiva. Mas é uma meta buscada e a ser alcançada. Os êxitos maiores se alcançam quando auto-

res brasileiros trabalham conjuntamente com estrangeiros em projetos colaborativos cujos produtos são divulgados na Revista. Na busca dessa internacionalização, os editores têm feito um esforço muito grande para traduzir a maior parte dos artigos para o inglês, investir na popularização da ciência por meio da divulgação de *press releases* e de *podcasts* sobre as edições temáticas e colocar-se nas redes sociais. Os limites se encontram na própria cultura interna dos países que, obviamente privilegiam discutir seus próprios problemas de saúde; nos contornos maiores ou menores que os próprios pesquisadores traçam para seus projetos; no nível da cooperação internacional e no escasso financiamento. Soa óbvio dizer que a Revista é um veículo de divulgação e de disseminação de informação e não de produção de conhecimento, embora possa ter e cumpra um papel indutor.

Discussão

A ideia de tratar o “associativismo”, no ano do 30º aniversário da Ciência & Saúde Coletiva, vem do fato de ela ser um veículo de comunicação da Abrasco. Ser da Abrasco tem várias consequências. A primeira é bastante clara e óbvia. Ao representar uma entidade que tem associados em todo o território nacional e juntar pesquisadores, estudantes, gestores e profissionais do setor, a Revista tem em seu Conselho Editorial representação das pós-graduações de todo o Brasil, além da presença de 20 colaboradores de outros países. A segunda é que, como nela publicam autores nacionais e internacionais, incluindo estudantes de graduação e pós-gradu-

Quadro 2. Número de acesso à C&CS (julho/2022–junho/2025).

País	Número de Acesso
Brasil	19.045.352
Estados Unidos	2.395.670
China	602.890
Portugal	295.595
México	198.328
Alemanha	194.880
Canadá	191.270
Índia	172.897
Argentina	163.066
Peru	163.029

Fonte: SciELO Analytics, 2025.

Quadro 3. Número de autores por país que publicaram na C&CS, por ordem de grandeza (julho/2022–junho/2025).

Autores	Número de Acesso
Brasileiros	4.460
Portugueses	201
Americanos	70
Espanhóis	69
Colombianos	64
Argentinos	54
Mexicanos	51
Canadenses	50
Britânicos	41
Chilenos	29

Fonte: SciELO Analytics, 2025.

ação, ainda que traduza quase todos os artigos para o inglês, e eventualmente para o espanhol, a Revista os divulga sempre em português, em respeito aos leitores – inclusive leigos – que não dominam a língua estrangeira. A terceira consequência é que, a Associação que se compromete com a produção científica da área ao problematizar assuntos que considera de interesse para o desenvolvimento e aprimoramento do SUS e das políticas dele emanadas, reconhece o caráter ético e imprescritível da liberdade e da responsabilidade do pesquisador que, com mérito, divulga seus achados e sua reflexão. Em reverência a esse seu principal ativo que são os autores, a contribuição da Revista é um processo historicamente polifônico e polissêmico que não se coaduna com monopólios interpretativos, institucionais ou políticos.

Epistemologicamente, todo o Corpo Editorial acompanha o pensamento de que a ciência se faz por aproximação e por consensos e dissensos não lineares, inerentes à busca e ao avanço do conhecimento¹⁸⁻²⁰. Em seus escritos, Bourdieu¹⁹ lembra que a visão objetivista da realidade é uma ideia simplista porque leva a uma reificação das estruturas sociais, tratando-as como entidades a-históricas, capazes de agir ou determinar os fatos. Mais que isso, atuando enquanto instituição que abriga a Revista e ao respeitar a total liberdade de expressão dos autores, a Abrasco se inclui como um dos atores importantes na configuração do cenário técnico-científico nacional e internacional da ciência aberta.

A escolha de trabalhar com aprofundamento de temas de um campo tão diverso vem desde a origem da Revista como decisão do Corpo Editorial, visando dar-lhe um diferencial em relação a outros veículos de comunicação da área. Essa escolha faz sentido na medida em que proporciona a reunião, o aprofundamento e a divulgação de pesquisas realizadas em várias instituições de relevância para o setor saúde. É preciso dizer, porém, que esse tipo de “que fazer” é extremamente trabalhoso e exige esforços de muitos atores. Por vezes, é tentador abrir mão dessa perspectiva, mantida a duras penas e a custo de muito investimento. Até o momento, no entanto, a proposta original continua firmemente ancorada tanto na vontade da direção da Abrasco como do Corpo Editorial.

É importante registrar ainda, que Ciência & Saúde Coletiva continua seu processo de construção e de ascensão na área acadêmica, tendo atingido o topo dos periódicos de saúde pública/saúde coletiva brasileiros de circulação interna-

cional. Alcançou o conceito A1 na avaliação da CAPES; e embora tenha ainda um baixo rendimento de impacto (1,2) na *Web of Science*, seu valor no ranking é mais elevado de que a média mundial (1,0). No índice H, *Google Scholar*, ela ocupa o primeiro lugar entre todos os periódicos nacionais de todas as áreas (80/102). E, como demonstrado, vem contribuindo para consolidação da saúde coletiva enquanto campo científico, o que, segundo de Bourdieu²¹ constitui:

*Um sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores) e é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, [a busca do] monopólio da competência científica, compreendida como capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado*²¹ (p.88).

Dir-se-ia que, mais que uma luta, a busca de legitimidade científica da Abrasco é corroborada e fortalecida pela Revista quando se aprofunda nos temas mais relevantes da saúde coletiva enquanto pensamento, técnica, prática e ação. É isso que o leitor encontra nela: uma contribuição para fortalecer e compor um campo complexo que se reafirma numa visão multidisciplinar, por meio de um agrupamento de milhares de pessoas, dois veículos acadêmicos de divulgação científica, – Ciência & Saúde Coletiva e Revista Brasileira de Epidemiologia – uma página *web* de comunicação com os associados, representação na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, na Associação Internacional de Saúde Pública, na Associação Brasileira de Editores Científicos e na produção periódica de Seminários e Congressos.

As progressivas condições desse campo estão dadas, dentre as quais, uma unidade de pensamento com foco na consolidação do SUS, no aprimoramento das graduações e pós-graduações e na prestação de serviços de assessoria e consultoria ao SUS, o que se deve à capacidade técnica, pesquisas e produção de conhecimento dos associados. Na formação do *habitus* associativo²² a Revista tem um papel de relevância que implica os indivíduos e as práticas por meio de orientações teóricas, metodológicas e políticas²³. Esse *habitus* associativo se configura numa forma de comportamento e ação: é impossível ser um militante da saúde coletiva sem articular o saber acadêmico com a visão social, as estratégias de ação e a militância política por direitos humanos²⁴.

E não se poderia terminar essa discussão, sem dizer que Ciência & Saúde Coletiva entra em seu 30º ano de vida num momento em que a comunicação social e a divulgação científica vivenciam um turbilhão de transformações globalmente. Como todas as revistas brasileiras indexadas, ela passa por esse processo. Segundo relatório da Clarivate², de 2019 a 2023, o Brasil permanece no 13º lugar no mundo quanto ao número de publicações indexadas (458.370) e com 54,4% dos artigos de autores nacionais em acesso aberto.

Nesse tempo, no campo científico brasileiro, ainda segundo a Clarivate², houve avanços importantes a serem celebrados: os níveis de publicação de acesso aberto padrão ouro no país passaram de 36% para 41%; o percentual de artigos com coautoria internacional subiu de 28% em 2014 para 38% em 2023. E, entre os 20 principais países do mundo que realizam pesquisas sobre inteligência artificial, o Brasil indexou 6.304 publicações no período. No campo das ciências da saúde – o que mais interessa nesta reflexão –, a relação da ciência brasileira com a indústria cresceu expressivamente, sobretudo na área farmacêutica e na produção de ensaios clínicos: 25% dos artigos envolveram esse tipo de cooperação. Além de apresentar níveis relativamente altos de pesquisa de ponta em tópicos relacionados a ciências ambientais, médicas e biológicas. Entre 2014 e 2023, a maioria de artigos de pesquisa (190.575) divulgados pela *Web of Science* foi em Ciências da Saúde, o que representa 27% da produção nacional. Esse setor também tem a maior média de impacto de citação normalizado por categoria (1,05, sendo a média mundial 1,00), e a maior proporção de artigos (8,1%) entre os 10% mais citados do mundo^{2,25}. Quando comparado com os BRICS, o Brasil se destaca pela orientação de sua produção para os “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (ODS) em temas sobre Saúde e Bem-Estar; Erradicação da Pobreza; Educação de Qualidade; Equidade de Gênero; Vida na Água e Vida Terrestre; Paz, Justiça e Instituições Eficazes. Com certeza, Ciência & Saúde Coletiva faz parte desse elenco que se compromete com o SUS e honra o desenvolvimento do país.

Considerações finais

Dentre as limitações deste artigo está seu objetivo, bastante restrito: realçar os atributos que

tornam Ciência & Saúde Coletiva quem ela é. O enriquecimento do texto teria sido muito maior se fosse feita uma comparação com os mais importantes periódicos da área no país. Mas não se pretendeu isso, apenas celebrar sua presença no marco dos 30 anos, e as conquistas alcançadas até o momento presente. Haverá outro tempo para a comparação, para a crítica e para falar das debilidades e dificuldades. É sobre a proposta original esta conclusão.

Como lembram Minayo *et al.*²⁶, para a consolidação do campo de conhecimento e de práticas denominado “saúde coletiva”, a Revista tornou-se fundamental. De um lado, ela contribui com avaliações adequadas e rigorosas que promovem o crescimento da massa crítica que vai tornando o campo cada vez mais dinâmico, diverso e específico, ao mesmo tempo em que delimita suas generosas fronteiras. De outro lado, divulga para a comunidade nacional de pares e de todo o mundo, o que aqui vai sendo produzido e consolidado sobre saúde pública/saúde coletiva. Esse processo, que é recursivo, traz aprofundamento, inovação e reconhecimento internacional.

Por fim, dentro de seu escopo, por reunir uma multiplicidade de autores que representam a competência científica nacional – compreendida como a capacidade de falar e de agir legitimamente – Ciência & Saúde Coletiva é um dos maiores ativos da Abrasco. E sem perder a modéstia, é preciso dizer que ela continua pujante, em pleno processo de aprimoramento e expansão, honrando o nome da associação que divulga conhecimentos e se apropria deles para atuar na prática e politicamente no campo da saúde coletiva.

Isso não quer dizer que ela não passe por dificuldades, sobretudo de financiamento. Por exemplo, neste preciso momento, ela enfrenta uma crise de excesso de demanda, difícil de ser enfrentada, frente às condições objetivas de trabalho que a Equipe Executiva possui. A Revista comportaria hoje edições quinzenais se Abrasco, ou algum patrocinador, tivesse condições de dar-lhe suporte financeiro e de pessoal.

O final deste artigo é um abraço de agradecimento à Equipe Executiva que leva o cotidiano do trabalho, a todos e a cada um dos Editores Associados responsáveis pela qualidade dos artigos das áreas específicas, e a todos os avaliadores que generosamente compõem o conselho editorial de fato ou *ad hoc*. Principalmente, aos autores que escolhem e privilegiam publicar na Ciência & Saúde Coletiva e a todas as instituições que

generosamente contribuem para seu êxito.

Colaboradores

MCS Minayo e R Gomes contribuíram com a concepção e delineamento do estudo, análise e interpretação dos dados, redação e revisão crítica; e aprovaram a versão final, concordando em ser responsáveis por todos os aspectos do trabalho. AAM Silva e VM Fonseca contribuíram com a revisão crítica do estudo e aprovaram a versão final, concordando em ser responsáveis por todos os aspectos do trabalho. LP Gualha-no contribuiu na coleta das fontes utilizadas nas análises e aprovou a versão final, concordando em ser responsável por todos os aspectos do trabalho.

Agradecimentos

À Valeria de Souza Reis Viana de Oliveira e Anadrielle Cristina de Souza Pinheiro pelo auxílio na pesquisa sobre artigos e temas de edições da Revista Ciência & Saúde Coletiva.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O conjunto de dados deste artigo está disponível no repositório SciELO Data no Dataverse da Ciência & Saúde Coletiva, no link: <https://doi.org/10.48331/scielodata.SSMCSY>.

Referências

1. SciELO Analytics [Internet]. São Paulo: Scientific Electronic Library Online; 2024 [acessado 2025 jun 30]. Disponível em: <https://analytics.scielo.org/>.
2. Clarivate. *Panorama das mudanças na pesquisa no Brasil: aproveitando oportunidades de crescimento* [Internet]. 2024 [acessado 2024 set 10]. Disponível em: https://www.abcd.usp.br/wpcontent/uploads/2024/08/Relatorio_panorama_da_pesquisa_brasil_clarivate-capes-agosto-2024.pdf.
3. Carvalho AI. Da saúde pública às políticas saudáveis - saúde e cidadania na pós-modernidade. *Cien Saude Colet* 1996; 1(1):104-121.
4. Lüchmann LHH. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. *Rev Bras Ci Soc* 2014; 29(85):159-178.
5. Paim JS. Saúde coletiva como compromisso: a trajetória da Abrasco. *Cad Saude Publica* 2007; 23(10):2521-2522.
6. Campos GWS. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. *Cien Saude Colet* 2000; 5(2):141-159.
7. Fonseca CMO. A história da Abrasco: política, ensino e saúde no Brasil. In: Lima NT, Santana JP, editores. *Saúde coletiva como compromisso: a trajetória da Abrasco*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Abrasco; 2006. p. 21-44.
8. Lima NT, Santana JP. *Saúde coletiva como compromisso: a trajetória da Abrasco*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.
9. Ferreira Júnior AR, Barros NF. A saúde coletiva na perspectiva dos fundadores: espaço de convergência para heterogeneidade. *Cad Saude Publica* 2020; 36(2):e00209519.
10. Gomes R. Participação dos movimentos sociais na saúde de gays e lésbicas. *Cien Saude Colet* 2021; 26(6):2291-2300.
11. Vieira-da-Silva LM. *O campo da saúde coletiva: gênese, transformações e articulações com a reforma sanitária brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Salvador: EDUFBA; 2019.
12. Gadelha P, Noronha JC, Dain S, Pereira TR. *Brasil Saúde Amanhã: população, economia e gestão*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2017.
13. World Health Organization (WHO). *Ottawa Charter for Health Promotion. First International Conference on Health Promotion; 1986 Nov 21; Ottawa, Canada*. Geneva: WHO; 1986.
14. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 1979.
15. Bagrichevsky M, Esteves A. *Saúde Coletiva: dialogando sobre interfaces temáticas*. Ilheus: Editus; 2015.
16. Kingdon JW. *Agendas, alternatives, and public policies, update edition, with an epilogue on health care*. Harlow: Pearson Education Limited; 2014.
17. Joachim JM. *Agenda setting, the UM and NGOs: gender violence and reproductive rights*. Washington D.C.: Georgetown University Press; 2007.
18. Bachelard G. *Essai sur la connaissance approchée*. Paris: Vrin-Bibliothèque de Textes Philosophique; 1986.
19. Bourdieu P. *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit; 1984.
20. Kuhn T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva; 2003.

21. Bourdieu P. Le champ scientifique. *Actes Recherche Sciences Sociales* 1976; (6/7):88-104.
22. Bourdieu P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1989.
23. Nunes ED. Saúde coletiva: revisitando a sua história e os cursos de pós-graduação. *Cien Saúde Colet* 1996; 1(1):55-69.
24. Nunes ED. Saúde coletiva: história e paradigmas. *Interface (Botucatu)* 1998; 3:107-116.
25. Minayo MCS, Gomes R, Silva AAM. Ciência & Saúde Coletiva, Ciência Nacional e Internacional. *Cien Saude Colet* 2025; 30(1):e16042024.
26. Minayo MC, Deslandes SF, Gomes R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 34ª ed. Petrópolis: Vozes; 2015.

Artigo apresentado em 01/07/2025

Aprovado em 02/07/2025

Versão final apresentada em 04/07/2025

Editores-chefes: Maria Cecília de Souza Minayo, Romeu Gomes, Antônio Augusto Moura da Silva, Vânia de Matos Fonseca